

Práticas Pedagógicas Colaborativas em Ambientes Virtuais de Aprendizagem de Educação a Distância.

Thaís Oliveira de Lima¹

Ana Beatriz Gomes Pimenta de Carvalho²

Resumo

Esta pesquisa pretende investigar as práticas pedagógicas que estão sendo desenvolvidas nos cursos a distância, com ênfase nas estratégias que são desenvolvidas para tornar o processo de construção do conhecimento mais colaborativo, focando nos procedimentos que são adotados por professores considerados difusores de práticas de sucesso, no que diz respeito ao incentivo e a ações de colaboração. Objetivamos verificar se é possível desenvolver colaboração em rede, capaz de promover aprendizagem significativa em educação a distância. Nossos instrumentos para coleta e análise dos dados serão a etnografia virtual, a entrevista semi-estruturada e a análise de conteúdo.

Palavras-chave: Estratégias didáticas; Colaboração; Educação a distância.

1. Introdução

Ao refletirmos sobre os estilos de ensino e aprendizagem no cenário atual, considerando a imensidão de aspectos que influenciam ambas as práticas, uma conclusão possível é a de que a educação a distância (EAD) certamente se configura como uma forte tendência capaz de conciliar a amplitude de elementos que agrupam os principais requisitos e necessidades de se ensinar e aprender algo nos nossos dias. A busca sempre crescente por essa modalidade em todos os tipos de cursos e níveis educacionais, aponta para uma nova concepção de educação, que se flexiona e se reinventa para poder atender a imensa demanda de interessados em suas múltiplas necessidades e individualidade.

“ O crescimento dessa modalidade de ensino no nosso país é um fato. Vai além de uma iniciativa apenas de âmbito municipal, estadual ou nacional, pois está orientada por políticas mundiais. Diante dessa realidade temos que nos inserir com competência técnica e crítica

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação Matemática e Tecnológica/EDUMATEC- UFPE;

² Professora do Programa de Pós-graduação em Educação Matemática e Tecnológica/EDUMATEC- UFPE;

nesse processo, e para isso precisamos capacitar os profissionais que se voltam para essa modalidade de educação”. (DIAS e LEITE, p. 08, 2010).

No entanto, os sujeitos envolvidos em alguma atividade que se desenvolva na modalidade de educação a distância precisarão adotar uma atitude comprometida com a técnica, no que diz respeito a utilização das tecnologias de informação e comunicação (TICs), no caso, da realidade que trataremos com esse estudo, pois, focaremos na EAD virtual, além de uma postura comprometida e crítica com a partilha do conhecimento. Vale salientar, que considerando sua trajetória a educação a distância não pode ser encarada como uma novidade, o elemento que ganha destaque nessa modalidade como a conhecemos hoje é a tecnologia informatizada, no entanto, a EAD se aprimorou e consolidou em cada época com os meios adequados e disponibilizados em cada um de seus momentos históricos, através de cartas, do rádio, da televisão, e etc. Na história da EAD cada nova tecnologia não descarta as anteriores, ao contrário: os diversos recursos se complementam. (DIAS e LEITE, 2010, p. 11). Para Taylor (2001 *Apud* DIAS e LEITE, 2010, p. 15) a implementação efetiva da tecnologia na EAD provavelmente não transformará apenas a EAD, mas transformará a experiência dos estudantes relacionada a ela; acreditamos ser pertinente contribuir com essa fala, acrescentando que essa introdução transformará a experiência de todos os atores envolvidos nesse processo de educação a distância e não apenas os alunos isoladamente. Já é possível conceber que a EAD transfigurou os atores do processo de ensino e aprendizagem, condicionando-os a uma nova postura frente a esse processo.

Nossa proposta, é pensarmos uma educação a distância que se coloque como uma alternativa que se consolide por sua forma democrática e participativa, que possa garantir o desenvolvimento da colaboração, cooperação e de aprendizagens significativas. Em meio a esse cenário fértil que possibilita tantos debates, destacamos a necessidade de olharmos para as práticas pedagógicas que estão sendo desenvolvidas nos cursos de educação a distância ministrados em ambientes virtuais de aprendizagem, enfatizando a importância da colaboração entre todos os atores envolvidos nesse processo. Para Saraiva:

“A educação à distância só se realiza quando um processo de utilização garante uma verdadeira comunicação bilateral nitidamente educativa. Uma proposta de ensino/educação à distância necessariamente ultrapassa o simples colocar materiais instrucionais a disposição do aluno distante. Exige atendimento pedagógico, superador da distância e que promova a essencial relação professor-aluno, por meios e estratégias institucionalmente garantidos”. (SARAIVA, 1996, p.17)

Nessa perspectiva empreendemos que a educação influenciada pelas novas tecnologias e configurações sociais, por sua vez a EAD, traz arraigada em si a necessidade de educandos e educadores que trabalhem juntos, pois num cenário como o nosso, onde os conteúdos passaram a ter data de validade, o trabalho colaborativo passa a ser de extrema necessidade, dado ao fato de que não somos capazes de absorver todas as informações que explodem cotidianamente, então, as trocas, as interações, a partilha tornaram-se fundamentais para se ensinar e aprender algo.

2. Aprendizagem colaborativa na educação a distância

A educação a distância, acelerou e possibilitou o estreitamento e o alargamento, por conseguinte, do nível de comunicação entre as pessoas. Sobretudo, instigou a propagação das tecnologias oportunizando a criação de ambientes de aprendizagem virtual e por sua vez, de plataformas virtuais de aprendizagem. Dessa maneira, a mediação do ensino e aprendizagem através do computador se tornou possível.

“segundo esta modalidade, o computador não é mais o instrumento que ensina o aprendiz, mas a ferramenta com a qual o aluno desenvolve algo, e, portanto, a aprendizagem ocorre pelo fato de estar executando uma tarefa por meio do computador”. (VALENTE, 1993, p.12)

E mais do que isso, em comunhão com outras pessoas, das mais diversas localidades do mundo e áreas do conhecimento, além de estar desenvolvendo algo através do computador, é possível que esse conhecimento que está sendo construído seja aprimorado, debatido, criticado, desenvolvido com o auxílio dessas pessoas. Tornando

esse “algo” em processo, num aprendizado composto e fundamentado nas mais diferentes visões de mundo, corroborando com o desenvolvimento de um pensar crítico.

Refletir sobre os atores do processo de construção do conhecimento na era digital, informatizada, dotada de plataformas virtuais educacionais e possibilidades inúmeras de conhecer, tem sido uma constante. O fato é que, as questões que envolvem a verdade, autenticidade, validade, a velocidade da informação tem sido cada vez mais perenes. De modo que, a sociedade precisou se reestruturar para atender as necessidades geradas por essas novas formas de ensinar e aprender.

“O essencial não é a exploração de técnicas de ensino (...), incluindo hipermídias, redes de comunicação interativa, enfim, todo o aparato tecnológico disponível na atualidade, mas a possibilidade de um novo estilo pedagógico, que favoreça ao mesmo tempo as aprendizagens personalizadas e a aprendizagem coletiva em rede. O professor pode torna-se, então, um animador da “inteligência coletiva”. (DIAS e LEITE, 2010, p. 61)

Com o surgimento dos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), e novas práticas de ensino mediadas pelo computador, exigem tanto do professor quanto do aluno uma nova postura frente ao ato de ensinar e de aprender, tanto para o presencial, quanto para o virtual, sobretudo, se pensarmos em uma perspectiva colaborativa.

A colaboração em rede, de modo geral, se refere à liberdade dos usuários em, reproduzirem, aprenderem, transformarem, aperfeiçoarem e distribuírem as informações que emergem nos espaços virtuais.

“Passamos de uma economia Industrial da Informação, caracterizada por poucos produtores de informação para muitos consumidores passivos, para uma economia interconectada da Informação, em que a produção é feita em colaboração e os consumidores participam desta produção”. (BENKLER, YOKAI, 2006 *Apud* FROSSARD, 2007, p.2)

A colaboração em rede, não pode ser entendida como a negação da criação ou do conhecimento individual, para ser melhor compreendida, acreditamos fazer-se necessário embasá-la na perspectiva de “inteligência coletiva”, trazida por Lévy, que nos leva a somar o conhecimento construído individualmente, com os que construímos coletivamente e compartilhamos socialmente para podermos potencializá-los.

“Quando valorizamos o outro de acordo com o leque variado de seus saberes, permitimos que se identifique de um modo novo e positivo e ao mesmo instante, contribuimos para mobilizá-lo, para desenvolver neles sentimentos de reconhecimento que facilitarão, conseqüentemente, a implantação subjetiva de outras pessoas em projetos coletivos”. (LÉVY, 1999, p. 30).

E é nessa valorização do “outro” que ancoramos nossa perspectiva de aprender e ensinar na internet. O professor reconhece as potencialidades do seu aluno e o aluno reconhece no professor um parceiro, capaz de dialogar, ser reflexivo, crítico, estimulador. Ensinando em rede, os professores são desafiados, pela rapidez com que as informações emergem e estão ao alcance dos seus alunos. Por este e outros motivos, não podem, nem devem se negar a assumir uma nova postura, pois, não o cabe mais o papel do detentor do saber, mas a do provocador, do mediador, daquele que encoraja os alunos a refletirem criticamente sobre os conteúdos e as temáticas abordadas, aquele que se assume aprendente, em formação, inacabado. Além disso, precisa ser criativo, preocupado com a aprendizagem do seu aluno, tomar para si a obrigação de ser um professor pesquisador, que se renova, mas, sobretudo, que aprende à medida que ensina. Concordamos com Lévy (1999) ao considerar sobre os professores que:

“Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor torna-se um animador da inteligência coletiva dos grupos que estão a seu encargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca dos saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem”. (LÉVY, 1999, p. 171).

É importante levarmos em consideração, que a internet, nos possibilita infinitas possibilidades de formação continuada, que favorece tanto quem ensina quanto quem aprende, pois, “a mobilidade e a virtualização nos libertam de espaços e tempos rígidos” (MORAN, 2007, p. 89). Dessa maneira, podemos aprender e ensinar, a qualquer hora, em qualquer lugar. De modo que estaremos em formação continuada, podendo contribuir com a formação de outros e tornar a nossa um agregado de inúmeros conhecimentos, aprimorados e construídos significativamente, conectado com o mundo. Ganharemos com isso, um conhecimento transdisciplinar, envolto de debates,

discussões e questionamentos, pronto para ser desenvolvido e aprimorado quantas vezes for necessário.

Por sua vez, a mediação é um aspecto essencial nos processos de aquisição do conhecimento potencializada pelo diálogo e a interação, formando um tripé fundamental para a aprendizagem que hoje desejamos e necessitamos.

“Os estudos postulados por Vygotsky permitem compreender as concepções de ensino e de aprendizagem, bem como o desenvolvimento mental e social, sob a perspectiva da mediação. Isso significa que toda atividade ou ação do sujeito sobre o objeto é mediada socialmente, tanto simbolicamente, por meio de signos internos e externos, quanto pelo uso da linguagem, ou ainda pela ação de outro sujeito. Esse conceito de mediação pedagógica atrela-se ao pensamento de uma ação concretizada pela ajuda do outro.” (MACHADO, 2009, p. 1729)

A contribuição do “outro” para a construção do conhecimento, rompe com a visão de “reprodução do conhecimento”. Construção implica pesquisa, debate, dúvidas, inquietações, trocas, diálogo. Diferentemente da reprodução, pois, o conhecimento já se encontra acabado, não há abertura para uma reflexão crítica e aprofundamento das questões. Quando propomos uma mediação, propomos que ela seja significativa, partindo do pressuposto que essa mediação acontece em via de mão dupla, modificando um ao outro, acrescenta, contribui, dialoga. É esse modelo de mediação que esperamos que acreditemos. Nos ambientes virtuais não pode ser diferente, uma mediação que assegure as trocas, o feedback, o debate, a construção do conhecimento, que seja provocadora de novos questionamentos precisa ser assegurada nesses espaços.

“A aprendizagem colaborativa assistida por computador é uma estratégia educativa em que dois ou mais sujeitos constroem seus conhecimentos através da discussão, reflexão, tomadas de decisão de forma colaborativa. Nesse sentido, os recursos das tecnologias atuam como mediadores do processo de ensino e de aprendizagem, dessa maneira, o uso da tecnologia é mais uma ferramenta para a aprendizagem colaborativa que pode oferecer um suporte na comunicação entre indivíduos e grupos, possivelmente possibilitando uma organização nas atividades e dos processos desempenhados nesta aprendizagem”. (COMASSETO, 2006, *Apud* KNIHS, 2008, p. 2)

A aprendizagem no AVA deve implicar numa rede que interligue os agentes (sujeitos) e os conteúdos, e para isso as ferramentas tecnológicas disponíveis precisam possibilitar essas interações, por isso são fundamentais para garantir esse elo. Machado (2009) nos lembra de que mesmo levando em consideração a autonomia do aluno, não podemos esquecer que ele não escolherá os conteúdos a serem trabalhados no curso, muito menos as estratégias de estudo. Educação a distância não é autodidatismo. Nesse sentido, a mediação pedagógica não demanda apenas encaminhar ou orientar os alunos dentro do espaço virtual. Nem significa um trabalho de “pergunta e resposta”, que comumente ocorrem nesses cursos. Mediar não é apenas dizer ao aluno que ele concluiu ou não uma determinada atividade. Mediar é instigar o aluno, acompanhá-lo em suas dúvidas e, sobretudo, identificar a sua ausência no decorrer do processo.

“Os AVA’s consistem em mídias que utilizam o ciberespaço para veicular conteúdos e permitir interação entre os atores do processo educativo. Porém a qualidade do processo educativo depende do envolvimento do aprendiz, da proposta pedagógica, dos materiais veiculados, da estrutura e qualidade de professores, tutores, monitores e equipe técnica, assim como das ferramentas e recursos tecnológicos utilizados no ambiente”. (PEREIRA; SCHIMITT; DIAS, 2007, p. 4).

E ainda, na compreensão de Machado (2009) mediação pedagógica no AVA é extremamente relevante e significativa para o aluno. Ela não se desenvolve em uma ação individualista e isolada e, por isso, não pode ser construída apenas no uso de recursos tecnológicos. As ações realizadas nos AVAs são distintas das ações realizadas por professores da educação presencial. Além disso, o aluno e o professor também devem estar preparados para essa experiência. Esse preparo pressupõe, sobretudo, formação e estudo sobre a dinâmica da EaD.

Alguns autores embasam suas teorias, a respeito das interações mediadoras na aprendizagem, por intermédio das “ecologias cognitivas”, Okada (2001) entende por ecologia cognitiva as coletividades que se auto-organizam, se mantêm e se transformam mediante o envolvimento permanente dos indivíduos que as compõem. Essas coletividades são compostas de seres humanos, coletividades cognitivas e técnicas. Na ecologia cognitiva, o enfoque não é o sujeito ou o objeto. As ideias não ocorrem apenas no mundo subjetivo ou então simplesmente a partir do mundo objetivo. O conhecimento

é construído a partir das inter-relações entre os sujeitos e os objetos e os sujeitos entre si, em suas múltiplas interfaces. Moraes acrescenta:

A era de relações requer, por sua vez, uma nova ecologia cognitiva, traduzida na criação de ambientes de aprendizagem que privilegiem a circulação de informações, a construção do conhecimento pelo aprendiz, o desenvolvimento da compreensão e, se possível, o alcance da sabedoria objetivada pela evolução da consciência individual e coletiva. Uma nova ecologia cognitiva significa uma nova relação com a cognição, com o conhecimento, com os outros, uma nova dinâmica nos processos de construção do saber, que esclareça a existência de relações, diálogos e interações entre diferentes organismos, que indique que tudo o que existe coexiste e que nada existe fora de suas conexões e relações. (MORAES, 1997, p.27 *apud* OKADA 2001, p. 67).

A ecologia cognitiva dialoga com as teorias defendidas por Lévy, a de inteligência coletiva e a de cibercultura, no momento em que a ecologia cognitiva apregoa o envolvimento constante dos indivíduos, numa coletividade onde o conhecimento é construído entre os sujeitos e objetos e vice-versa nas suas múltiplas possibilidades. Alimentando o desejo da cibercultura de confinar as relações de poder e de disseminar o compartilhamento do saber, junto à ideia de inteligência coletiva, em que todos os sujeitos são mediadores uns dos outros.

3. Metodologia

Pusermos à condução dessa pesquisa uma abordagem qualitativa, por considerarmos esta condizente com os nossos enfoques, além de considerá-la altamente relevante, em nos possibilitar abranger a totalidade do problema investigado em suas múltiplas dimensões. Para Triviños (2011, p.120), a abrangência do conceito, à especificidade de sua ação e uma concepção precisa sobre os suportes teóricos que fundamentam a pesquisa qualitativa, torna sua conceituação um tanto complexa. De modo geral, é possível empreender que a pesquisa qualitativa surge da necessidade de se compreender um fenômeno em sua profundidade e subjetividade, percebendo-o com a finalidade de compreendê-lo em múltiplos aspectos.

“Sem dúvida alguma, muitas pesquisas de natureza qualitativa não precisam apoiar-se na informação estatística. Isto não significa que sejam especulativas. Elas têm um tipo de objetividade e de validade conceitual, que contribuem decisivamente para o desenvolvimento do pensamento científico”. (TRIVIÑOS, 2011, P.118).

Cientes do desafio que estamos iniciando, respaldando-nos à luz da abordagem qualitativa, fundamentados por Santos (1999), classificamos nosso estudo como sendo qualitativo descritivo, dessa maneira, compreendemos que:

“A pesquisa descritiva é um levantamento de características conhecidas, componentes do fato/fenômeno/problema. É normalmente feita na forma de levantamentos ou observações sistemáticas do fato/fenômeno/problema escolhido”. (SANTOS, 1999, p.26)

O processo de construção dos elementos metodológicos para esse estudo, se configuram como tarefa crucial para conseguirmos responder aos objetivos a priori compostos. Para isso, compreendemos que os instrumentos de coleta de dados que iremos utilizar, tanto a etnografia virtual, respaldando-nos em alguns de seus elementos, quanto a entrevista semi-estruturada conseguirão atender e satisfazer os nossos enfoques.

Sobre a etnografia, segundo Triviños (2011, p. 120) a tradição antropológica da pesquisa qualitativa fez com que esta fosse conhecida como etnográfica. Existem inúmeros autores que buscam definir o termo etnografia, porém, sua forte relação com os estudos antropológicos nos levou a concebê-la entre o complexo e o geral, e apenas enxergando dessas maneiras perderemos muito de sua profundidade, pertinência e capacidade de mensurar a realidade em suas dimensões mais subjetivas, como nos é possibilitado através dessa ferramenta. Podemos perceber que a etnografia virtual, além de suprir uma demanda metodológica, onde o espaço virtual é o objeto de estudo em suas relações e influências no indivíduo e na sociedade, ela é capaz de relacionar o que surge das/nas redes e dessas/nessas relações sociais.

“A etnografia virtual pode ser usada para desenvolver a percepção do sentido da tecnologia e dos espaços sócio-culturais que são por ela estudadas. Por isso, a etnografia virtual tem espaço assegurado nas pesquisas onde os objetivos incluem saber ‘o que as pessoas estão realmente fazendo com a tecnologia (...) modifica a relação espaço temporal e apresenta um contexto que é mediado pelas ferramentas,

pelos ambientes, pelas práticas construídas no ciberespaço.” (HINE, 2000, *Apud*, GUTIERREZ, 2004, p.10)

Além da etnografia virtual, utilizaremos como instrumento de coleta de dados, a entrevista semi-estruturada, por considerarmos demasiadamente positivo o caráter de interação que permeia esse instrumento. Segundo Lüdke e André (1986) as vantagens da entrevista em detrimento de outras técnicas é que ela permite a captação imediata da informação desejada com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados temas, permite tratar de assuntos pessoais e delicados, pode permitir o aprofundamento de questões levantadas por outros instrumentos e pode até atingir informações que não poderiam ser atingidos por outros meios de investigação, como é o caso de pessoas analfabetas, para o qual, por exemplo, o questionário seria inviável. No nosso caso, a liberdade no percurso, quando optamos pela entrevista semi-estruturada é considerada mais uma vantagem.

Como instrumento de análise dos dados, utilizaremos as técnicas da análise de conteúdo, pois, acreditamos que por este instrumento, conseguiremos fazer uma nova leitura e atingir uma compreensão maior dos significados que estão nas entrelinhas das comunicações expressas no estudo, ainda que na forma oral ou escrita, imagética ou textual, de modo que essa análise consegue superar uma leitura comum ou superficial. Sobre esse instrumento discorre Moraes:

“Como método de investigação, a análise de conteúdo compreende procedimentos especiais para o processamento de dados científicos. É uma ferramenta, um guia prático para a ação, sempre renovada em função dos problemas cada vez mais diversificados que se propõe a investigar. Pode-se considerá-la como um único instrumento, mas marcado por uma grande variedade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto, qual seja a comunicação”. (MORAES, 1999, p. 8).

Para isso, iniciaremos analisando os documentos institucionais relativo as questões do contexto pedagógico, projeto político pedagógico (PPP) do curso e a proposta disciplinar buscando verificar em ambos os elementos que podem vir a respaldar com as práticas pedagógicas que buscamos descrever com esse estudo, em seguida partiremos para os planejamentos de aulas dos professores tutores, verificando nas estratégias didáticas a incidência de atividades colaborativas, tais como: projetos ou

exercícios conjuntos, elaboração de texto semelhante ao formato wiki, sendo assim, todos podem acrescentar e/ou modificar dependendo das circunstâncias, e ainda a utilização de atividades síncronas, como chats, web – conferência, skype, etc. que assegurem o feedback, o debate e as trocas.

Em seguida partiremos para a análise etnográfica virtual, com o intuito de perceber como são aplicadas e desenvolvidas as atividades propostas no AVA e sua conseqüente realização por parte dos alunos, apontando as estratégias de colaboração utilizadas ou não e ainda identificando se há interatividade e trocas de informações entre os atores desse processo ao longo das disciplinas, atentos a perceber se os alunos respondem aos estímulos de colaboração.

Utilizaremos também entrevistas para saber se desenvolvem juntos outras atividades fora do AVA que seja significativo para suas aprendizagens e que somem ao desenvolvimento intelectual no que tange o curso, além disso, poder interagir com os professores e alunos através desse instrumento. E para finalizar, analisaremos criticamente as possibilidades de interação e colaboração que permitem as ferramentas instituídas na plataforma utilizada, buscando compreender e verificar como são e como podem ser utilizadas como suporte aos professores e alunos nesse processo colaborativo.

Com isso, pretendemos que esse estudo assegure cada vez mais o estreitamento entre as teorias e as práticas, no que toca os processos de ensino e aprendizagem, principalmente em educação online, sendo facilitador e promotor de mais pesquisas e estudos nessa área do conhecimento.

4- Referências bibliográficas

DIAS, Rosilâna Aparecida; LEITE, Lígia Silva. **Educação a distância: da legislação ao pedagógico**. 2ªed, Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

FROSSARD, Vera Cecília. **A colaboração em cursos de educação a distância: uma proposta construcionista social**. 2007. *Disponível em:* <http://www.cinted.ufrgs.br/ciclo10/artigos/6dVera.pdf>. *Acessado em:* 15/06/12.

GUTIERREZ, Suzana de Souza. **A etnografia virtual na pesquisa de abordagem dialética em redes sociais on line.** 2004. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/gt16-5768--int.pdf> Acesso: 01/02/13.

KNIHS, Everton. **Cooperação e colaboração em ambientes virtuais na construção do conhecimento em matemática** 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência da Computação – Programa de ensino de ciências e Matemática) - Universidade Cruzeiro do Sul - UNICSUL, SP, Brasil, 2008. Disponível em: http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais16/sem15dpf/sm15ss10_02.pdf
Acessado em: 01/04/13

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço.** 2. ed. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 1999.

L Ü D K E, M e n g a; A N D R É, M a r l i. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Suelen Fernanda. **IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia.** Mediação Pedagógica em ambientes virtuais de aprendizagem: a perspectiva dos alunos, 2009.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos novos desafios e como chegar lá.** 5ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

OKADA, Alexandra Lilavati Pereira. **A mediação pedagógica e a construção de Ecologias Cognitivas: um novo caminho para educação à distância.** 2001. Disponível em: <<http://people.kmi.open.ac.uk/ale/chapters/c02futura2003.pdf>>. Acessado em: 20/06/12.

PEREIRA, A. T. C.; SCHMITT, V.; DIAS, M. R. A C. Ambientes Virtuais de Aprendizagem. In: PEREIRA, Alice T. Cybis. (orgs). **AVA - Ambientes Virtuais de Aprendizagem em Diferentes Contextos.** Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda., 2007. Disponível em: <<http://people.kmi.open.ac.uk/ale/chapters/c02futura2003.pdf>>. Acessado em: 20/06/12.

SANTOS, Antônio Raimundo dos. **Metodologia científica: a construção do conhecimento.** Rio de Janeiro: DP & A, 1999.

SARAIVA, Terezinha. Educação à distância no Brasil: lições da história. **Em Aberto**, Brasília, ano 16, n.70, abr./jun. 1996. Disponível em: <http://www.emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1048/950>. Acessado em: 04/10/11.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução a pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo, Atlas, 2011.

VALENTE, José Armando (org). **Computadores e conhecimento: repensando a educação.** Campinas SP: UNICAMP, 1993.